2.ª SERIE. TOMO IV.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 10. QUINTA FEIRA, 16 DE OUTUBRO DE 1851. 11. ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

O ELECTRO-MAGNETISMO COMO FORÇA MOTRIZ.

Ha vinte annos que se trata de applicar o electro-magnetismo como força motriz, para o que se tem feito numerosos ensaios na Europa e na America.

Em 1838, com auxilio de uma bateria galvanica de volume assaz mediocre, Jacobi fez mover sobre o Neva, a rasão de tres milhas por hora, um barco de 28 pés de comprimento e 7 e meio de largura, que demandava tres pés de agua, equipado com 14 pessoas; a experiencia foi repetida muitas vezes, ora descendo ora subindo pelo curso do rio.

Em 8 de dezembro de 1842, uma locomotiva electro-magnetica, construida por M. Davidson, foi ensaiada no caminho de ferro de Edimburgo a Glasgow. A locomotiva percorreu perto de milha e meia a rasão de 4 milhas por hora: o pezo que puxava era de 6 toneladas (6:000 kilogrammas).

Apezar destas tentativas que mencionamos por exemplo (postoque poderia citar-se um cento), as maquinas electro-motoras ainda não foram empregadas nas grandes operações industriaes. Comtudo ha um trabalho especial em que levam a todas decidida vantagem, o que é devido á diligencia de M. Froment. Este habil constructor de instrumentos, um dos homens mais competentes na materia, fabrica maquinas electro-motoras, cujas disposições variadas são todas mui engenhosas, e usa dellas para pôr em movimento maquinas de dividir, em especial as que traçam divisões nos limbos dos circulos destinados á medição de angulos. A grande regularidade do jogo de suas maquinas permitte alcançar-se neste trabalho delicado extrema precisão. As de mais força que M. Froment tem construido não excedem a força de um cavallo.

Um engenheiro que ha dois annos se occupa com saber e perseverança nas diversas applicações da electricidade, deu-se tambem ao assumpto de que fallamos; as suas experiencias tiveram por alvo o dispendio da força e determinar exactamente a natureza do serviço que póde prestar no estado presente dos conhecimentos humanos. A direcção que M. Dumont deu aos seus trabalhos é a que convem para activar os progressos do electro-magnetismo. Com effeito, o meio de realisar promptamente todos os melhoramentos que se desejam, é pôr á disposição da industria quanto antes as machinas que sabemos construir, embora sejam imperfeitas, attendendo-se ao valor absoluto da força e da despeza: — por quanto existe agora entre a theoria e a pratica uma reciprocidade de serviços, que se explica perfeitamente pela *solidaridade*, sempre em augmento, da sciencia e da industria. A officina deve muito ao laboratorio, e não lhe será ingrata. A applicação industrial dos descobrimentos póde erigir-se em methodo de investigação.

As experiencias de M. Aristide Dumont foram feitas em duas maquinas essencialmente differentes nas forças e nas condições de andamento: uma de rotação, outra de movimento directo e alternativo. A pilha de que se serviu era a de *Bunsen*.

A machina de rotação consiste n'uma *cruzeta* como a das azas ou velas dos moinhos de vento, de ferro fundido, montada sobre uma construcção de madeira, e munida na circumferencia de 26 chapas de ferro temperado, entre as quaes se collocaram outras placas de madeira para subtrahir a circumferencia da cruzeta á influencia do magnetismo; á direita e esquerda sobre a base de madeira se pozeram quatro electro-imans, dois de cada lado. — Cada par de electro-imans está disposto no sentido inverso do outro; os da direita correspondem ao centro das duas proximas chapas de ferro temperado, os da esquerda acham-se em frente de duas chapas de madeira. A corrente da pilha é dirigida successivamente aos electro-imans da direita e da esquerda por um distribuidor de electricidade ou commutador ordinario collocado no eixo da cruzeta.

A segunda machina consiste simplesmente n'um electro-iman munido da sua *armação* ou guarnição,

que está fixa na extremidade de uma alavanca que levanta um pezo. A communicação ou interrupção da corrente tem logar pelo proprio movimento da *armação*.

Nas experiencias feitas com a machina de rotação a pilha funccionava com dezeseis elementos; e operou só com seis elementos nas que se fizeram com a segunda machina.

Na primeira machina o desenvolvimento foi por segundo, termo medio, de $\frac{20}{100}$ de kilogrametro; e o pezo do zinco queimado em cada elemento, de 7 grammas 50 por hora. Resulta, pois, que a machina de rotação consummiria por hora, e por força de cavallo, 45 kilogrammas de zinco pelo que a machina de rotação, aliás commoda pelo emprego immediato da força produzida, não é vantajosa no que toca á despeza.

A força, termo medio, desenvolvida pela segunda machina foi de $\frac{67}{100}$ de kilogrametro. Como se vê, é pelo menos tres vezes mais consideravel do que na machina de rotação, posto que se empregasse um só electro-iman e a pilha operasse com seis elementos em vez de dezeseis; o que representa, guardada a proporção do numero dos elementos da pilha e dos electro-imans empregados, uma força trinta e duas vezes mais consideravel do que no primeiro caso.

No entanto não augmentou a despeza de zinco em a mesma proporção; porque foi termo medio de 12 grammas 40; isto é, para produzir uma força igual, a machina de movimento directo não queima senão a quinta parte do zinco queimado pela de rotação. Donde se concluiu que a segunda machina consomme por hora e por força de cavallo 8 kilogrammas 280 de zinco sómente.

M. Aristide Dumont tomou este resultado para base de seus calculos sobre o custo actual da força electro-motora. Segundo esses calculos, a machina de movimento directo e alternativo não despende por hora senão 20 centimes ao muito, produzindo uma força media de $\frac{67}{100}$ de kilogrametro por segundo.

A força obtida é, como se vê, pouco consideravel e mui cara: 18 centimes por hora para produzir uma força electro-magnetica que se eleva a $\frac{67}{100}$ kilogrametro, representa uma despeza de 20 francos por força de cavallo e por hora. Ora, a despeza pela machina de vapor nas mesmas circumstancias não passaria de dez centimes, isto é duzentas vezes menos do que pela machina electrica.

E de tudo isto tiraremos por consequencia que a força electro-motora não seja por ora susceptivel de emprego algum? Muito pelo contrario; pois que os seus usos podem ser numerosos. Ha multidão de officios que dispoem de pequenos capitaes, onde somente se carece de uma tenue potencia mechanica, e onde o resultado que mais se deseja é produzir a força ou impulso, instantaneamente, e quando se queira, sem que resultem dessa irregularidade perdas sensiveis. Ora, estas condições difficilmente se realisam por meio do vapor, que exige sempre aparelhos dispendiosos, e que muitas vezes se tornam incommodos nas pequenas industrias. Em os casos numerosos em que se carece só de pequenas forças, o electro-magnetismo prestará efficazes serviços. Póde introduzir-se em toda a parte sem perigo, sem grandes despezas, subdividir-se infinitamente com os aparelhos mechanicos mais simples, e penetrar nos orgãos mais variados e mais intimos desses aparelhos.

Citemos um exemplo; a força de $\frac{67}{100}$ de kilogrametro produzida com a segunda machina de seis elementos, e com a despeza de 18 centimes por hora, seria sufficiente para levar a seis metros de altura, n'uma hora só de trabalho, a agua necessaria para o trafego caseiro de uma familia de quatro pessoas, contando 60 litros por cabeça e por dia.

Cumpre accrescentar, que na conta da despeza se deve fazer deducção do valor do sulphato de zinco produzido, e attender a que nos apparelhos algum tanto consideraveis, a mesma pilha poderia servir simultaneamente para a producção da força e da luz.

Ha, portanto, fundamento para acreditar que uma força motriz nova tomará logar entre as que servem ao genero humano; e será por certo um grande acontecimento.

Pôr n'um estado de dependencia que por si constitue uma especie de domesticidade potencias naturaes, propriedades dynamicas da materia, é adquirir o poder de crear á vontade e de multiplicar infinitamente a *animação servil* dessa população de machinas, paciente, docil, habil, infatigavel; é por consequencia libertar o homem de trabalhos excessivos e penosos; é a miseria vencida, o bem-estar conquistado; é o homem restituido á vida da intelligencia e do sentimento, desempenhando o seu cargo de administrador das coisas creadas, de collaborador da potencia creadora. — Em quanto não forem conquistadas todas as forças, faltará um florão á sua coroa, uma provincia ao seu imperio, não estará competentemente armado para a tarefa ainda mysteriosa que lhe incumbe neste mundo; faltar-lhe-ha um elemento de prosperidade, de poder, de dignidade. Nada em summa ha mais solemne e magestoso, mais dramatico do que estes estudos, em que a multidão não se julga interessada, porque ha seis mil annos tem-na ensinado sempre a largar a presa pela sombra.

O inglez Pare asseverava, n'uma assembléa reunida em Birmingham, que todas as machinas de vapor existentes no globo em 1833 representavam o trabalho de 400 milhões de homens, isto é, trabalho igual ao de quasi metade da população de toda a terra. E em que proporção não augmentou desde 1833 esta raça de escravos, cuja fecundidade não tem outros limites senão os que o homem lhe quizer assignalar? Não temos presentes algarismos exactos; mas, se observarmos que em 1827

as maquinas de vapor existentes representavam (somente o trabalho de 200 milhões de homens; e que dentro de seis annos tinham duplicado; não poderemos duvidar, que hoje o seu trabalho excede muito o de todo o genero humano reunido. Por isto se avalie o interesse politico e social que offerece o estudo das forças. Longe de afrouxar este movimento, é manifesto que está mui proximo do seu ponto de partida, e que ainda não adquiriu toda a sua velocidade!

CATALOGO DOS PRODUCTOS PORTUGUEZES NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL EM LONDRES.

(Continuado de pag. 90).

329 FARINHA DE TRIGO RIBEIRO.
330 CENTEIO.
Provincia do Minho.
331 CENTEIO.
332 CENTEIO.
Provincia do Minho.
333 CENTEIO.
Provincia do Minho.
334 CENTEIO. — Expositor e productor, Marquez de Ficalho.
Provincia do Alemtejo, concelho de Serpa.
335 CENTEIO.
Provincia da Beira, Castello Branco.
336 FARINHA DE CENTEIO.
337 MILHO.
Provincia do Minho, Vianna do Castello.
338 MILHO. — Expositor e productor, Visconde de Benagazil.
Provincia da Estremadura, termo de Lisboa.
339 MILHO.
Provincia da Beira, Castello Branco.
340 MILHO BRANCO.
Provincia do Minho, Caminha.
341 MILHO BRANCO.
Provincia do Minho.
342 MILHO BRANCO. — Expositor e productor, Rodrigues da Costa.
Provincia da Estremadura, districto de Santarem.
343 MILHO BRANCO.
Provincia do Minho, Vianna.
344 MILHO AMARELLO.
Provincia do Alemtejo.
345 MILHO LAGE.
Açôres.
346 MILHO. — Expositor e productor, Marquez de Ficalho.
Provincia do Alemtejo, concelho de Serpa.
347 MILHO.
Provincia do Minho, Caminha.
348 MILHO. — Expositor e productor, José Peixoto da Silveira.
Provincia da Estremadura, districto de Santarem.
349 MILHO.
Provincia do Minho, Vianna do Castello.
350 CEVADA MOXA.
Provincia da Estremadura.
351 CEVADA MOXA.
Districto da Estremadura.
352 CEVADA. — Expositor e productor, Antonio Saraiva d'Albuquerque.
Beira.
353 CEVADA.
Alemtejo.
354 CEVADA.
Estremadura, Lisboa.
355 CEVADA. — Expositor e productor, Marquez de Ficalho.
Alemtejo, Serpa.
356 AVEIA. — Expositor e productor, Marquez de Ficalho.
Alemtejo, Serpa.
357 AVEIA.
Alemtejo.
A provincia do Alemtejo e a parte da Estremadura, a que chamam Riba-Tejo, são as mais abundantes em trigo, e as do Minho e Beira Alta em milho. A Beira Baixa e Tras-os-Montes, produzem especialmente muito centeio. A aveia pertence quasi toda ao Alemtejo, e cultiva-se nas planices chamadas do Campo de Ourique.
358 FEIJÕES AMARELLOS. — Expositor e productor, Antonio Frederico Carvão.
Estremadura, Santarem.
359 FEIJÕES AMARELLOS. — Expositor e productor, Vicente Carlos Vaz Soares.
Estremadura, Abrantes.
360 FEIJÕES AMARELLOS.
Minho, Vianna do Castello.
361 FEIJÕES ENCARNADOS.
Minho, Vianna do Castello.
362 FEIJÕES ENCARNADOS.
Beira, Castello Branco.
363 FEIJÕES BRANCOS. — Expositor e productor, Antonio Henriques.
364 FEIJÕES BRANCOS.
Minho, Vianna do Castello.
365 FEIJÕES BRANCOS. — Visconde de Benagazil.
Estremadura, termo de Lisboa.
366 FEIJÕES BRANCOS. — Expositor e productor, Antonio Francisco Carvão.
Estremadura, Santarem.
367 FEIJÕES BRANCOS. — Expositor e productor, Vicente Carlos Vaz Soares.
Estremadura, Abrantes.
368 FEIJÕES PARDOS.
Minho, Vianna do Castello.
369 FEIJÕES FRADES. — Expositor e productor, José Peixoto da Silva.
Estremadura, Santarem.
370 FEIJÕES FRADES. — Expositor e productor, Francisco Tavares d'Almeida Proença.
Beira, Castello Branco.
371 FEIJÕES FRADES.
Minho, Vianna do Castello.
372 GRÃOS DE BICO. — Expositor e productor, José Cesar.
Estremadura, Santarem.
373 GRÃOS DE BICO.
Estremadura, Azambuja.
374 GRÃOS DE BICO. — Expositor e productor, Marquez de Ficalho.

Alemtejo, Serpa.
375 GRÃOS DE BICO. — Expositor e productor, Visconde de Benagazil.
Estremadura, termo de Lisboa.
376 FAVAS. — Expositor, Visconde de Benagazil.
377 FAVAS. — Expositor e productor, Visconde de Fonte Bôa.
Estremadura, Santarem.
378 ERVILHAS.
379 LENTILHAS.
380 ALFARROBAS. — Expositor Carlos Bonnet.
Algarve.
381 XIXAROS. — Expositor e productor, Marquez de Ficalho.
Alemtejo, Serpa.
382 TREMOÇOS.
383 ARROZ REDONDO.
Estremadura.
384 ARROZ CAROLINO.
Estremadura, Coina.
385 ARROZ REDONDO. — Expositor e productor, Conde de Belmonte.
Estremadura, Otta.
386 ARROZ CAROLINO. — Expositor e productor, Conde de Belmonte.
Estremadura, Otta.
387 ARROZ EM CASCA.
Alemtejo, Evora.
388 ARROZ REDONDO.
Alemtejo, Evora.
389 MILHO MIUDO. — Expositor e productor, Vicente Carlos Vaz Soares.
Estremadura, Abrantes.
390 MILHO PAINÇO. — Expositor e productor, Vicente Carlos Vaz Soares.
Estremadura, Abrantes.
391 AMENDOAS MOLARES.
Algarve.
392 AMENDOAS DURASIAS. — Expositor e productor, Manuel Ferreira Brettes.
Estremadura, Torres Novas.
393 AVELLÃS. — Expositor e productor, Alexandre Pinto da Fonseca Vaz.
Estremadura, Santarem.
394 NOGÕES.
Estremadura, Torres Novas.
395 NOGÕES. — Expositor e productor, Alexandre Pinto da Fonseca Vaz.
Estremadura, Sardoal.
396 NOGÕES. — Expositor e productor, Alexandre Pinto da Fonseca Vaz.
Estremadura, Sardoal.
397 NOZES.
398 CASTANHAS PILADAS.
Beira, Castello Branco.
399 BOLOTAS. — Expositor e productor, Marquez de Ficalho.
Alemtejo, Serpa.
400 MENDOBI. — Expositor e productor, Ayres de Sá Nogueira.
Estremadura, termo de Lisboa.
401 MENDOBI. — Expositor e productor, Francisco Rodrigues Batalha.
Angolla.
401 CYPRESUS ESCABUTUS. *Chufas*. — Expositor e productor, Marquez de Loulé.
Estremadura, termo de Lisboa.
401 RIEMO. — Expositor e productor, Visconde de Benagazil.
Estremadura, termo de Lisboa.
402 FIGOS PASSADOS.
403 PERAS PASSADAS.
404 AMEIXAS PASSADAS.
405 AMEIXAS PASSADAS. — Expositor e productor, Alexandre Pinto da Fonseca Vaz.
Estremadura, Sardoal.
406 GINJAS PASSADAS. — Expositor e productor, Estevão José da Silva Alves.
Beira, Guarda.
407 AMEIXAS PASSADAS.
408 UVAS PASSADAS.
409 PECEGOS PASSADOS. — Espositor e productor, Rodrigo Pereira Mendes.
Estremadura.
410 PECEGOS PASSADOS. — Expositor e productor, Alexandre Pinto da Fonseca Vaz.
Estremadura.
411 AMEIXAS DOCES SECCAS.
Traz-os-Montes, Villa Real.
412 FIGOS DOCES SECCOS.
Traz-os-Montes, Villa Real.
413 PECEGOS DOCES SECCOS.
Traz-os-Montes, Villa Real.
414 PERAS DOCES SECCAS.
Traz-os-Montes, Villa Real.
415 ALPERCES DOCES SECCOS.
Traz-os-Montes, Villa Real.
415 DAMASCOS DOCES SECCOS.
Traz-os-Montes, Villa Real.
416 DIVERSAS QUALIDADES DE FRUCTAS SECCAS DOCES. — Expositoras, as freiras de Coimbra.
Beira, Coimbra.
417 FIGOS DE COMADRE. — Expositor e productor, J. L. Gomes.
Algarve.
418 FIGOS PASSADOS. — Expositor e productor, J. L. Gomes.
Algarve.
419 FIGOS DE COMADRE. — Expositor e productor J. L. Gomes.
Algarve.
420 PECEGOS SECCOS DOCES.
Estremadura, Lisboa.
421 FIGOS DOCES SECCOS.
422 MARMELADA.
Estremadura, Lisboa.
423 MARMELADA.
Estremadura, Lisboa.
424 AMEIXAS DOCES SECCAS.
Estremadura, Lisboa.
425 PERAS DOCES SECCAS.
Estremadura, Lisboa.
426 PECEGOS DOCES SECCOS.
Beira, Coimbra.
427 AMEIXAS DOCES SECCAS.
Estremadura, Lisboa.
428 DAMASCOS DE CALDA.
Estremadura, Lisboa.
429 TANGERINAS DE CALDA.

Estremadura, Lisboa.
430 FIGOS DE CALDA.
Estremadura, Lisboa.
431 GINJAS DE CALDA.
Estremadura, Lisboa.
432 PECEGOS DE CALDA.
Estremaduara, Lisboa.
433 AMENDOAS COBERTAS.
Estremadura, Lisboa.
434 AMENDOAS COBERTAS.
De Moncorvo, provincia de Traz-os-Montes.
435 CIDRA DE CALDA.
Estremadura, Santarem.
436 LARANJA AZEDA DE CALDA.
Estremadura, Santarem.
437 PERAS DE CALDA.
Estremadura, Lisboa.
438 AMENDOAS COBERTAS DE CHOCOLATE.
439 AZEITONAS. — Expositor e productor, Marquez de Ficalho.
Alemtejo, Serpa.
440 AZEITONAS. — Expositor e productor, Visconde de Fonte Bôa.
Estremadura, Santarem.
441 AZEITONAS. — Expositor e productor, Saraiva d'Albuquerque.
Beira, Guarda.
442 AZEITONAS PRETAS.
Estremadura, Lisboa.
443 AZEITONAS D'ELVAS.
Alemtejo, Elvas.
444 PIMENTÕES.
445 MALAGUETA.
445 CAFFÉ.
Madeira.
446 CAFFÉ.
Angolla.
447 CAFFÉ.
Moçambique.
448 CAFFÉ.
Timor.
449 CAFFÉ.
Cabo Verde.
450 CAFFÉ.
S. Thomé.
451 ALCAPARRAS.
Estremadura.
452 PÓS DE GOMMA.
Alemtejo, Evora.
453 PÓS DE GOMMA. — Expositor e productor, Manuel Maria Holbeche.
Estremadura, Santarem.
454 ASSUCAR. — Expositor e refinador, Ferreira Pinto Bastos.
Estremadura, Lisboa.
455 ASSUCAR. — Expositor e refinador, Ferreira Pinto Bastos.
456 ASSUCAR EM PÓ. — Expositor e refinador, Ferreira Pinto Bastos.
457 ASSUCAR. — Expositor e refinador, Ferreira Pinto Bastos.
458 GOMMA COPAL. — Expositor, Francisco Rodrigues Batalha.
Angola.
459 PEZ.
Estremadura, Santarem.
460 AZEITE D'OLIVEIRA. — Expositor e productor, João Lopes Calheiros.
Estremadura, termo de Lisboa.
461 AZEITE D'OLIVEIRA. — Expositor e productor, João Lopes Calheiros.
Estremadura, termo de Lisboa.
462 AZEITE D'OLIVEIRA. — Expositor e productor. Francisco Tavares d'Almeida Proença.
Beira, Castello Branco.
463 AZEITE D'OLIVEIRA. — Expositor e productor, Francisco Tavares d'Almeida Proença.
Beira, Castello Branco.
464 AZEITE D'OLIVEIRA. — Expositor e productor, Francisco Tavares d'Almeida Proença.
Beira, Castello Branco.
465 AZEITE D'OLIVEIRA. — Expositor e productor, Joaquim José da Costa Macedo.
Estremadura, Gollegã.
466 AZEITE D'OLIVEIRA. — Expositor e productor, Joaquim José da Costa Macedo.
Estremadura, Gollegã.
467 AZEITE D'OLIVEIRA. — Expositor e productor, João Larcher.
Alemtejo, Portalegre.
468 AZEITE D'OLIVEIRA. — Expositor e productor, João Larcher.
Alemtejo, Portalegre.
469 AZEITE D'OLIVEIRA. — Expositor e productor, Conde do Farrobo.
Estremadura, Alhandra.
470 AZEITE D'OLIVEIRA. — Expositor e productor, Conde do Farrobo.
Estremadura, Alhandra.
471 AZEITE D'OLIVEIRA. — Expositor e productor, José Borges Pinto.
Alto Doiro, Folgosa.
472 AZEITE D'OLIVEIRA. — Expositor e productor, José Borges Pinto.
Alto Doiro, Folgosa.
473 AZEITE D'OLIVEIRA. — Expositor e productor, Almeida Silva & Comp.ª
Estremadura, Lisboa.
474 AZEITE D'OLIVEIRA. — Expositor e productor, Almeida Silva & Comp.ª

(Continúa.)

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo VIII.

PELO AMOR SE GANHA O CEU!

Catharina e Cecilia conversaram, muito tempo, no jardim, na mais intima confidencia. Desmaiou o sol na copa das arvores; o ceu princi-

piou a empallidecer com as primeiras sombras do occaso; e nos caracoleiros e madresilvas, a cantiga dos rouxinoes já ía adormecendo em notas expirantes, até se calar de todo. Estava proxima a hora, em que a terra se banha na luz pallida e saudosa do crepusculo.

Entretanto, nem o rapido fechar da tarde, nem os raios do sol, descorados já, e o bulicio nos tufos de myrtho, e nos taboleiros de flores, nem a alegria das companheiras, que a rir e a correr passavam diante dellas, desapertavam as mãos, unidas, das duas amigas, ou seccavam as lagrimas que fugiam serenas e quasi desapercebidas dos olhos de ambas. Algumas vezes as rosas do pejo acendiam-se no seu rosto; outras a pallidez da commoção affugentava-as. Para ellas o mundo encerrava-se no coração, a alma que vivia do amor fervoroso, que a esperança da solidão inflama de saudades e cuidados.

Cecilia foi a primeira que fez um esforço para romper a fascinação deste colloquio. Levantando-se de repente, arrancando a mão d'entre as da sua amiga, olhou com viveza em redor de si; Catharina seguiu-a com sobresalto. Apenas entraram na rua principal do jardim viram a regente e um padre da companhia de Jesus. Os modos inquietos e escrutadores, com que este par seraphico observava tudo de uma e outra parte, sem alterar a solemnidade dos passos, indicavam que procurava alguem.

— « É soror Monica » — exclamou Cecilia.

— « É o padre Ventura! » — disse Catharina com alvoroço.

— « Não te dizia eu? » — tornou a primeira.

— Cecilia, não sabes, que quem espera, desespera? » — respondeu a segunda.

A presença de um padre jesuita no jardim de Santa Clara, e sobretudo nas horas de recreio, era um acontecimento pouco ordinario. Comtudo parecia evidente, que S. Paternidade tinha merecido as sympathias das noviças e educandas, porque em logar de fugirem ao seu encontro, procuravam-no beijando-lhe a manga, e fazendo-se muito vermelhas, quando tocava de leve com o dedo na face a alguma. Havia já tres mezes, que o conheciam, e sabendo a qualidade de visitador e reformador, em que fôra investido pela Santa Sé, (o que o trazia ao convento repetidas vezes) imploravam a sua intercessão, sempre efficaz, para mitigar o rigor dos castigos, impostos pela prepotencia da abbadeça. S. Paternidade não se escusava, e salvo um pequeno sermão á paciente, accudia sempre em auxilio das opprimidas. Assim tinha attrahido a confiança daquella população feminina, que debaixo do glorioso pendão de S. Francisco caminhava pela estrada da graça e da salvação.

Cecilia não podia demorar-se muito tempo na mesma idéa. Emquanto o padre e a regente mediam as passadas, virou-se para Catharina e disse em ar magoado:

— « Hoje morre á sêde a minha roseira branca! »

— « E o meu craveiro amarello? » — respondeu Catharina.

— « Olha, acudiu Cecilia, o padre já nos viu, e chama-nos! Então! Não eramos nós a quem procuravam?!... »

— « A ti, póde ser; mas a mim, porque? »

— « Porquê? Não sei; mas é a ambas. Olha o dedo da regente, que parece um ponteiro... faz-nos signal; estás desenganada? Vamos? »

Partiram, ligeiras e airosas, como duas garças, que fugissem ao bello grupo de Canova. No meio da lameda encontraram o religioso e soror Monica. O jesuita, por caridade, encurtava o passo para não esfalfar a pobre freira, cujo cançaso, exacerbando-se em frouxos de tosse, lhe tomava a respiração n'uma pieira cavernosa. A sciatica não concorria menos para tornar desiguaes e lentos os seus movimentos. O padre tinha os cabellos brancos, a fronte ampla e os olhos penetrantes e reflexivos do jesuita, que vimos conversar *amigavelmente* com o sr. Thomé das Chagas no Arco de Santo Antão. Era sempre a mesma bocca, em que florescia um sorriso eterno, era o mesmo rosto passivamente affavel, e a mesma expressão diplomatica. S. Paternidade, desde que chegou a distancia propria, fallava á freira com os labios, e ás duas amigas com a vista; e é justo accrescentar, que a linguagem muda dos olhos foi mais eloquente do que as doutas palavras da sua homilia.

— « Pois sim, vae muito bem, leia a madre Santa Thereza, que lê um santo livro. Grande doutrina! A « Mistica Cidade de Deus » tambem. Vou mandar-lha e os « Exercicios » do nosso patriarcha Santo Ignacio.... verá que bons guias lhe dou para acertar no caminho da graça.... Mas aonde está esta querida soror, a madre abbadeça? »

— « V. Paternidade sabe, que já lhe mandei recado. São horas de já ter acordado da sua sesta » — respondeu soror Monica, no tom plangente e precioso, que é caracteristico das freiras velhas.

— « Algum motivo ha, esteja certa. O peior é demorar-se. . . . Se tivesse a bondade soror Monica! Se repetissemos o recado! »

A regente exhalou um suspiro capaz de comover um Adamastor, acrescentando com enfado:

— « Não percebo, padre mestre. V. Paternidade não é pessoa que se faça esperar. . . . Eu mesma vou. Meninas fiquem. »

— « Os deveres desta santa casa desculpam tudo » — observou o jesuita, sorrindo-se. Não lhe era desconhecida a lucta capitular, que fizera inimigas mortaes as duas veneraveis religiosas; e tinha boas rasões para se limitar a uma perfeita neutralidade.

Soror Monica retirava-se coxeando, quando Cecilia é Catharina chegavam ao pé do jesuita, e beijando-lhe a manga, lhe tomavam a benção. Apenas a regente esteve a boa distancia, o padre Ventura deu alguns passos mais para ellas, e pegando na mão a ambas, respondeu á saudação com bondade paternal. A sua voz era entre seria e jovial. Toda a intenção estava na vista e não nas palavras, segundo o costume.

— « Deus as faça santas, filhas, e as abençoe! Então D. Catharina, vamo-nos alegrando? Estamos já mais conformados com o habito ou ha ainda grandes saudades do mundo, que nos não deixam amar a Deus como boa religiosa? »

Catharina corou; tremula e confusa nada respondia; mas Cecilia acudiu logo com a costumada impetuosidade:

— « Acha V. Paternidade, que Deus quer promessas que excedam as nossas forças?

— « Cecilia! » — interrompeu a sua amiga.

— « Ah, a minha doutora! » — observou o jesuita com o seu riso fino. — « Respondo com outra pergunta: ponha o caso em si a minha donzella Theodora, e diga: se tivesse de escolher entre os deveres de boa filha, e a illusão dos sentidos, que o seculo chama amor, deixava morrer seu pae de penna, ou obedecia-lhe, sacrificando-se? »

— « Não ha pae que morra da felicidade de sua filha. »

— « Muito bem. Compara então a gloria de servir a Deus com a fallivel alegria que illude os homens? Então que diz? »

— « Meu padre, digo só o que me ensinaram. Deve-se amar a Deus sobre todas as coisas, e depois a nossos irmãos, como a nós mesmos. »

— « Excellente! Sabe que aproveita a doutrina nesta casa? » — redarguiu o padre no mesmo tom. Depois tornando-se serio disse: — « D. Catharina, meditei sobre o seu caso; e communiquei-o, sem revelar a pessoa, entende-se, aos mais sabios dos nossos padres. É verdade; e o que julga que disseram elles? »

— « Que devia professar? »

— « Respire. Nem tanto; disseram; que entre o amor de Deus, e o amor humano, não ha preferencia rasoavel. . . . não acha, tambem? »

— « Decidem então que eu não posso escolher? »

— « Tambem não decidiram. Distinguem! Os nosssos casuistas são agudos em distincções! Se o coração se entrega exclusivamente a Deus, ha a vocação sincera, o esposo acceita a esposa. Mas se a alma recahe nas saudades do mundo e se lembra mais da terra, Deus não quer, Deus não permitte um vinculo que a bocca fórma e o coração desmente. Não é este o seu caso, D. Catharina? »

— « Ah padre Ventura! Sou indigna da graça de Deus, bem vejo! »

— « Afflictos nos vêmos; pois sim; mas, animo, e resignação! Entre dois males irremediaveis, optar pelo menos é o dever do christão. Deus não manda impossiveis; amor e obediencia á sua Lei, é o que Elle ordena. Abraham não matou Isaac. . . . Medite neste exemplo; humilhe-se, e tenha fé. »

— « Bem humilhada estou na presença da minha fraqueza! O que posso fazer, se Deus me não chama, se tenho o coração escravo das prisões do mundo? E meu pae, o que dirá meu pae, se chega a saber? . . . »

— « Seu pai não é um tyranno, ha de conformar-se com a vontade de Deus. Uma alliança virtuosa e honrada é sancta aos olhos da Infinita Bondade. Nem todos podemos servir a Deus da mesma maneira. »

— « Ai, padre Ventura! Conhece meu pai, e sabe a firmeza da sua vontade. Disse uma vez que não me podia casar; e essa alliança. . . »

— « Ha de fazer-se. . . As coisas é que mudaram, não foi seu pai, D. Catharina. Uma affeição honesta em que envergonha? O Conde suspira pelo momento de possuir uma esposa virtuosa; sei-o; disse-mo elle. Havemos de convencer seu pai. O Conde de Aveiras, amigo e valido do Principe Real, que amanhã (quero dizer), que de um instante para outro, altos juizos de Deus! póde subir ao throno. . . »

— « V. Paternidade não ignora a ingratidão da corte, e a nossa familia. . . »

— « Sei tudo, filha!.. mas confiemos em Deus. Um genro poderoso vale muito, e seu pai tem pratica do mundo, percebe as coisas. Esteja certa, não resiste. Peço oito dias...»

— « Oito dias? E julga V. Paternidade que meu pai approva...»

— « Ha de approvar.»

— « E Deus?»

— « Lembre-se de que padeceu para a salvar, e veja se póde querer um sacrificio superior á nossa força? Diga-me: e se houvesse meio de conciliar-mos as duas coisas, servindo a Deus, e vivendo no mundo, ficava mais tranquilla?»

— « Oxalá, meu padre!»

— « Dê muitas graças a Deus; o meio existe. O habito não faz o monge ha de ter ouvido; e a verdadeira clausura é o recato da alma, e a innocencia do coração. Com o vestido secular, e a liberdade do corpo póde ser escrava de Deus. Temos os exercicios para mortificar o espirito, a obediencia a superiores espirituaes para nos impor um vinculo sagrado; ha a abnegação da pessoa e da vontade para interesse, santo interesse! de muitos... e tudo isto faz o sacrificio completo. Se quizer, D. Catharina, será mulher de seu marido, e esposa de Deus, quanto á graça da perfeita religiosa...»

— « Aonde, e de que modo, padre Ventura?»

— « No instituto do Patriarcha Santo Ignacio. Póde ser terceira do sociedade de Jesus. Quanto ao mais creia em Deus e tenha esperança. A paciencia vence tudo.»

O padre duplicou a força a esta promessa com um gesto magestoso e expressivo. Virando-se depois para Cecilia acrescentou em tom jovial:

— « E a menina bonita o que diz? Não ha nesse coração pequeno e alegre nenhum peccado escondido, que se confesse?»

— « Ai padre Visitador, nenhum!» — respondeu ella vermelha como uma rosa e dando á bocca o meio sorriso travesso, que tão engraçada a tornava. — « Não tenho amores; a mim ninguem me quer.»

— « Sim? Vejam a loucura dos homens? Pobre freirinha! Hei de dar-lhe uma noticia para a consolar.»

— « Mas, eu não estou triste!

— « Ainda bem. Lembra-se de seu pai?»

— « Oh, muito, muito! — acudiu Cecilia, cahindo logo em melancolia reflexiva. Tenho-o presente, como se o visse. Olhe, padre mestre quantos são hoje do mez?»

— « Porque?»

— « Porque está fazendo doze annos que elle me teve nos braços e me beijou a ultima vez. Querido pai! Partiu e não tornou mais... Mal sabia eu que se despedia para sempre.»

— « Engana-se; ha de vel-o.»

— « No céu. Elle era bom; e está lá.»

— « Espero em Jesu Christo que lá iremos todos. Mas seu pai, Cecilia, não morreu...»

— « Meu pai?.. E V. Paternidade não me dizia nada! Ah, a minha mai, a minha querida mai!..»

— « Então! Não são coisas, que se levem a chorar... Lagrimas e desmaios?.. E para a tristeza o que reserva então? Alegrias taes, quando Deus as manda, eleva-se o espirito ao céu, e acceitam-se com jubilo.»

— « Mas não se chora de alegria? Meu pai vivo! Ainda o tornarei a vêr!»

— « E mais depressa do que julga. Está em Lisboa, em sua casa. Chegou hoje. É natural que venha aqui, amanhã. Como elle ficará satisfeito de vêr uma filha... digna do seu amor se proceder bem sempre.»

— « Ah, padre Ventura, se elle soubesse! Catharina, querida, agora mais do que nunca peço a tua amisade... Diz-me o coração que chegou a hora...»

— « De alguem lhe ter amor?» — atalhou o jesuita em tom malicioso. Depois tomando ar serio, mas não severo, proseguiu: — « D. Catharina percebe, e eu entendo. Socegue Cecilia. O Conde de Aveiras é o maior amigo, que tem um cavalheiro moço, que a viu em S. Domingos faz hoje cinco mezes; que lhe declarou o seu amor uma sexta feira á noite, aqui neste jardim quinze dias depois; e que, hontem, ainda hontem, lhe escreveu por certa beata uma carta para lhe dizer, que viria esta tarde ao convento, custasse o que custasse... Não é tudo assim, D. Catharina?»

As duas meninas olharam uma para a outra tão pasmadas, tão confusas, que o padre Ventura não póde suster o riso apesar da sua gravidade. Nenhuma se atrevia a fallar de envergonhada.

— « Admiram-se? Não estranho. São milagres da nossa roupeta! Cecilia eu não censuro, nem approvo. Os jesuitas, ha de convencer-se, são melhores do que diz a madre abbadeça, que é uma santa pessoa...»

— « Mas quem revelou a V. Paternidade?..» interrompeu Cecilia com as faces a arder.

— « Provavelmente alguem que o sabia. Filha, nada se faz, que se não descubra. Repito!

não condemno, nem approvo, entenda-me bem! Isto não é o casamento de D. Catharina... Conhece o amigo do Conde de Aveiras? Se não sabe, pelo menos suspeita quem elle é, e o que hade vir a ser?..»

—«É o homem, que amo! Não sei mais, nem preciso» atalhou Cecilia em um repente de enfado. O jesuita olhou para ella alguns instantes, leu no seu rosto a verdade e a innocencia, e meneou a cabeça com mais pezar do que severidade.

—«Ah, Cecilia, receio que do coração venha a sua morte. Já tem idade; deve meditar: olhe que o sacrificio é grande aos olhos de Deus, e immenso aos olhos do mundo.»

—«V. Paternidade assusta-me!» — exclamou Catharina, a quem não escapou a intenção, com que o jesuita proferiu as ultimas palavras.

—«A verdade assusta, filha. — Respondeu elle. — Se a sua amiga soubesse o que fazia, era menor o mal. Antes de entregar assim a sua alma, devia saber a quem... Deus permitta que se não arrependa e depois chore. Não digo mais; não sei senão isto.»

—«E eu — acudiu Cecilia exaltada — sei que o amo e que sou amada. Que não terei esposo, ou que será elle...»

—«Valha-nos Deus! Quer fazer de mim seu confidente? Eu não entendo de paixões mundanas. Confessor posso absolver da culpa, uma vez que o coração seja bom; e o seu é bom, Cecilia, oxalá que a cabeça assentasse um pouco. Amigo, digo-lhe que fez mal, que faz muito mal em se fiar dos olhos. Lembre-se de seu pai; veja o desgosto de sua mãi... Sobre tudo, o mundo, respeite o mundo. Quanto ao mais Deus é menos rigoroso do que alguns theologos... e ha exemplos. Se a culpa aproveita a nossos irmãos, se a mentira os salva, peccámos sempre mas é peccado muito proximo da virtude... Um instante de sincera contrição póde laval-o. Judith, tambem, peccou; gloriosa culpa, que foi a liberdade do seu povo! Nada é absoluto neste valle de lagrimas. Se fossemos perfeitos eramos santos. Mas de véras, não sabe quem é o amigo do Conde de Aveiras?»

—«E V. Paternidade?» — exclamou Catharina.

—«Eu?! Não vê que estou perguntando? Cscilia, tracte de se confirmar na verdade antes de decidir. Olhe para a sua consciencia e lucte em quanto tiver forças; se não poder vencer-se procure remir o peccado pelo exercicio da virtude... A voz do mundo nem sempre é verdadeira; ouça antes a voz do ceu. Saiba que para o serviço de Deus importam menos os meios do que os fins.»

—«Não entendo, padre Ventura!» — replicou Cecilia ingenuamente.

—«Entenderá um dia. Não é a madre abbadeça, que alli vem? Pois sim, filhas, ha diversos modos de ganhar o ceu. Cecilia, a verdadeira virtude não está na bocca do mundo; D. Catharina lembre-se do que eu disse do nosso Instituto... Amem e esperem ambas, e serão salvas!... Ora venha a nossa querida abbadeça, que já nos ia tardando.»

—«V. Paternidade bem sabe o pezo da minha cruz.... Deus m'a tire depressa de cima dos hombros!» — exclamou a freira com maneiras beatas e affectadas.

—«Ora pois, louvado seja Deus por tudo!»

—«Aonde quer V. Paternidade que o receba?»

—«Aonde lhe fôr mais agradavel, Eu não escolho.»

—«Meninas, não sabem que a hora do recreio acabou? Beijem a mão do sr. padre Ventura, e peçam-lhe venia...»

—«Dá licença, querida madre?... Cecilia ha de receber um recado de casa. Não sabe? Seu pai, que diziam morto, está vivo, e chegou a Lisboa.»

—«Deu graças a Deus por tamanho milagre, Cecilia?» — exclamou a abbadeça.

—«Já cumpriu os seus deveres; parece-me que não ha inconveniente em a deixarmos vêr o seu parente... creio que é parente?...»

—«É primo!» — atalhou Cecilia intrepidamente.

—«O seu primo» — repetiu o padre com egual denodo — «Naturalmente não são coisas, que se digam diante de todos em um locutorio. A gravidade do negocio desculpa...»

—«E onde está o seu parente, menina?» — interrompeu a abbadeça.

—«Na grade, segundo me informam» — observou o jesuita. — «É melhor irmos para a casa da secretaria, que se póde reputar *extra clausura;* e deixaremos os dois primos em liberdade... bem vê, querida abbadeça, este caso sahe da regra geral...»

—«Apesar disso, é contra o uso. Entretanto V. Paternidade manda! Menina, vá subindo; eu dou as ordens. Assistirei á sua visita.»

—«Excellente! Assim não ha peccado. Vamos!»

BIBLIOTECAS MUNICIPAIS DE LISBOA

E tomando pela rua, que ia dar á porta reservada, o padre Ventura mostrou que sabia perfeitamente o caminho. A abbadeça seguia-o, rosnando:

— «Não percebo tal breve de Roma, nem tal visita! O padre santo não podia nomear o nosso guardião em logar deste jesuita? Nossa Senhora nos acuda!»

— «Não, soror; disse o padre virando-se com ar severo — Sua santidade sabe que não é permittido ao guardião ser juiz em causa propria. Querida madre, não se esqueça, peço-lh'o muito, de que não peccamos só por obras; por temeridade de pensamentos ainda ás vezes se pecca mais . . Cuidado em não cahir!»

Esta ultima advertencia tinha dois sentidos. Podia referir-se á lição moral, que acabava de dar, e ser o seu epiphonema; ou sómente alludir ao movimento sobresaltado, que escapára á freira, vendo-se colhida em flagrante murmuração contra o seu visitador. Fosse o que fosse S. Paternidade continuou a subir a escada com o socego ordinario; e a abbadeça, corrigida pela finura do ouvido italiano, e seriamente assustada pelo ar de auctoridade, que vira assumir ao jesuita, não proferiu uma só palavra mais. Assim chegaram ambos á secretaria do mosteiro.

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continúa.)

NOTICIAS E COMMERCIO.

Necrologio. — O dia 14 de Setembro foi de luto para os anglo-americanos; pela uma hora da tarde o illustre romancista, Fennimore Cooper, falleceu na sua residencia de Cooperstown. Havia muitos mezes que o estado de sua saude causava graves inquietações a seus amigos; e em julho com esperança de a restabelecer pela mudança d'ares e de regimen, voltára a residir no campo; mas esta precaução foi inutil, e depois de algumas alternativas ora para melhor ora para peior, não obstante os desvelos com que era tratado, succumbiu o distincto escriptor á molestia que o minava, quando estava a completar sessenta e dois annos.

Fennimore Cooper nasceu em Burlington, Nova Jersey, a 15 de setembro de 1789. O magistrado Cooper seu pae possuía terras consideraveis no estado de Nova-York, e ahi fundou a habitação de Cooperstown, que seu filho fez celebre. O joven Fennimore recebeu em Burlington de um preceptor particular os primeiros elementos da educação classica, continuou seus estudos em Albany sob a direcção de um ecclesiastico, que o emmestrou em todos os preparatorios para entrar no Collegio Yale, onde foi admittido em 1802. Nenhuns indicios então mostrava de propensão litteraria; era um rapaz de boa saude, impetuoso, mui pouco docil, cujo animo independente não se casava bem com a vida collegial. A inclinação instinctiva para a carreira maritima e a paixão pelas aventuras o moveram a sollicitar admissão na marinha de guerra; e com effeito em 1805 entrou neste serviço, no qual permaneceu por espaço de seis annos. Grande influencia teve para o diante em seus escriptos esta primeira parte da sua carreira publica, que o habilitou para descrever com a mais escrupulosa verdade o modo de vida que adoptára, as manobras que repetidas vezes tinha mandado effectuar: dahi vem a incontestavel superioridade dos seus romances maritimos.

Em 1810 abandonou Cooper a marinha afim de casar com a senhora que lhe sobreviveu para lamentar sua perda. Foi então morar em Westchester nas cercanias de New-York; mas, aqui se deteve pouco tempo, passando a fixar residencia no seu patrimonio de Cooperstown, onde se dedicou inteiramente á litteratura e á composição dos romances que lhe grangearam fama.

Antes desta epocha havia dado á luz seu primeiro ensaio sob o titulo *Precaução*, que estava bem longe de inculcar as obras que se lhe seguiram. Foi o *Espia* o romance que assentou os primeiros alicerces de sua reputação, em breve consolidada pela apparição dos *Pionners*, (gastadores ou roteadores) apoz os quaes não tardou o «Derradeiro dos Mohicanos.» A nomeada de Cooper transpoz rapidamente o oceano; e essas obras primas de tamanha novidade, vertidas em muitas linguas, vieram collocar-se apar das creações de Walter Scott: na opinião de muitos, em bem pouco cedia ao bardo escocez.

Logo depois da publicação do *Derradeiro dos Mohicanos*, ahi por 1826, Cooper fez uma viagem á Europa, onde se demorou muitos annos e deu ao prelo successivamente *o Algoz de Berne*, *o Corsario vermelho*, *a Campina*, que consumaram a sua celebridade. Ao mesmo tempo seu caracter lhe adquiria mui honrosas amizades.

Depois de seu regresso aos Estados-Unidos continuou a dar á luz numerosas obras, porém menos notaveis quanto á originalidade; o aspecto de outro hemispherio, de outra sociedade inspirou-lhe, ao que parece, a preferencia de assumptos estranhos ás florestas, ás planicies, onde anteriormente o seu genio se espraiava á vontade. Tentou pôr na Europa o theatro de alguns romances, e nesta parte obteve effeito mediocre.

Tambem desde então intrometteu a satyra politica nas suas composições; e como cedia a varias preoccupações, e as suas antipathias eram numerosas, desses livros desappareceram o cunho de originalidade e certa serenidade superior que caracterisavam suas precedentes obras. Cooper havia sido poeta da natureza quasi no estado virgem; e fez-se muitas vezes historiador parcial ou antes critico acintoso de alguns defeitos e caprichos do seu tempo; no que tanto perdia o seu valor moral como litterario.

Todavia essas maculas desvanecer-se-hão na perspectiva do futuro; as formosas paginas que entremeou até nos romances, cujo enredo é apoucado, e o pensamento pouco generoso, farão esquecer as diatribes

disparatadas e as declamações triviaes. A sua memoria será estimada em razão das composições que popularisaram seu nome em todos os paizes onde a imaginação impera. Essa popularidade universal lhe assignala logar dos mais eminentes entre as glorias litterarias do seculo actual.

Cooper não é tão sómente escriptor americano, é um escriptor cosmopolita; revelou um novo mundo aos leitores de todos os paizes; alguns dos personagens de seus livros são typos dignos de figurarem a par dos de Walter Scott, ao passo que as paginas em que pintou o oceano, as selvas, os desertos, estão repassadas de tanta magestade, belleza, e poesia, como ninguem possue em igual grau. Portanto, a perda de Cooper não só causa pena a seus compatriotas, mas a todas as pessoas com quem o pozeram em communicação os seus livros; e são estas innumeraveis na Europa.

O numero dos romances de Fennimore Cooper é trinta e quatro. Por ora não nos consta que haja traduzidos em portuguez mais de tres; — o *Espia*, *o Piloto*, *o Derradeiro dos Mohicanos*. O ultimo que publicou (em 1850) intitula-se — *the ways of the hour*. Escreveu, alem disso, algumas obras de outro genero, como a Historia da marinha dos Estados-Unidos e a biographia dos mais afamados officiaes da mesma; Esboços da Suissa, e Excursões n'outras partes da Europa; sem contarmos mais algumas publicações de menor monta, onde infelizmente toma muito espaço a politica.

— No dia 28 de setembro poucos minutos antes da meia noite falleceu na sua residencia do palacio real de Berlin o principe Frederico Guilherme Carlos da Prussia, irmão de Frederico 3.º, e tio do actual reinante. Nasceu em Postdam aos 3 de julho de 1783, e casou em 1804 com a princeza Maria Anna de Hesse Homburg. Serviu activamente no exercito durante a guerra com a França que terminou tão desastrosamente na batalha de Jena. Na acção de Auerstadt, que precedeu aquella batalha, o principe mandou uma carga de cavallaria, e teve o cavallo morto.

Em 1808 foi enviado a Paris com a missão de obter de Napoleão abatimento nos pezados encargos impostos á Prussia pelas condições do tratado de Tilsit. As observações que teve logar de fazer nessa epocha ácerca do andamento do governo francez lhe deram conhecimento de que o povo prussiano em breve se libertaria per si mesmo do jugo imperial.

A fatal campanha de Napoleão na Russia em 1812 deu o signal do rebate contra o poder invasor; a Austria, a Prussia, e a Russia formaram alliança: sobre tudo, o povo prussiano moveu-se com enthusiasmo á voz de Frederico 3.º Durou a lucta nos dois annos de 1813 e 1814, e desfechou na destruição do imperio francez na batalha de Waterloo. Nesta campanha o principe Frederico trabalhou nas batalhas de Katzbach, e de Leipsick.

Na acção de Gross-Gonchen, que atalhou a marcha de uma divisão franceza sobre Berlin, quando Napoleão commandava em Dresda, o principe Frederico á testa dos couraceiros de Brandemburgo repelliu a força franceza, e nesse conflicto perdeu o cavallo.

Commandou uma brigada na divisão do marechal York, e com ella trabalhou na batalha de Laon no progresso do exercito alliado sobre Paris, e foi presente no derradeiro conflicto ás portas da capital da França.

Em Waterloo commandou a reserva da cavallaria na quarta divisão dos prussianos. Durante o longo periodo de paz que se seguiu a 1815, o principe foi em tres diversas occasiões governador da fortaleza de Moguncia, e em 1830 governador geral das provincias do Rheno. Em 1846 enviuvou; e em 1849 perdeu seu filho, o principe Waldimiro, que no decurso de suas viagens pela India, assistiu ás operações militares de sir H. Hardinge contra os sikhs. — Deixa um filho, e duas filhas: o principe Adalberto, Maria, rainha da Baviera, e Isabel casada com o principe Carlos d'Hesse.

(COMMUNICADO.)

O *Liberal do Mondego*, jornal de Coimbra, publicou a seguinte commemoração.

«Falleceu hontem n'esta cidade, e sepultar-se-ha hoje na igreja do Carmo, o doutor na Faculdade de Mathematica, Augusto Freire de Carvalho Macedo, Professor de Geometria e Mechanica applicadas ás Artes e Officios do Lyceo Nacional de Lisboa.

Nascido em Coimbra aos 24 de outubro de 1822 recebeu nesta cidade, a par de uma educação esmerada da parte de seus carinhosos pais, os primeiros rudimentos das letras, para as quaes mostrou desde logo grande inclinação.

Seus tios, cujo nomes são bem conhecidos no nosso mundo politico e litterario, os illustres José Liberato Freire de Carvalho e Francisco Freire de Carvalho, apreciadores destas felizes disposições, e antevendo nelle um digno successor do seu bom nome, chamaram-no para Lisboa, onde continuou, sempre com grande aproveitamento, no estudo das Humanidades. Seguiu depois ali o Curso das Aulas do commercio, que completou com distincção.

Tendo depois decidido seus tios, que viesse formar-se na Faculdade de Mathematica, obteve durante o Curso, um premio e honras de *accessit*; e concluida a formatura nesta Faculdade em 1844, seguiu depois o anno de repetição, e feitos todos os actos grandes, nella se doutorou em 31 de julho de 1845.

Tendo-se em 1846 aberto concurso para o primeiro provimento da cadeira de Geometria e Mechanica applicadas ás Artes e Officios, nelle foi provido por tempo de tres annos. Findos estes, e aberto novo concurso, foi proposto e depois definitivamente provido na propriedade, em consequencia do seu muito distincto exame de opposição.

O tempo que lhe sobrava dos estudos das sciencias, dedicava-o á litteratura de que foi sempre muito amante. O seu nome acha-se inscripto entre os dos Socios do Instituto Dramatico de Coimbra, e os do Gremio Litterario de Lisboa.

Havia fallecido nesta cidade, ha perto de tres mezes, seu pae. Este golpe causara-lhe uma dor viva, que procurou adoçar vindo passar as ferias á casa paterna com a sua extremosa familia. Já no seio della, e no meado do mez passado foi atacado de sesões diarias, que não cederam aos remedios, degenerando ultimamente n'um typho, que, apesar do

empenho e cuidados dos sabios facultativos e das mais fortes diligencias dos seus, não foi possivel debellar, terminando-lhe a existencia na noite de hontem 9 de outubro com 29 annos de idade.

A nós que o vimos nascer, que o vimos medrar arbusto esperançoso, que apreciadores das suas modestas, mas excellentes, virtudes publicas e privadas, contáramos ter nelle durante a vida um amigo certo, só nos resta chorar a sua perda, e honrar a sua memoria, apresentando-nos já a consagrar-lhe estas linhas mal traçadas,

Paz e descanço á sua alma.

Resignação e conforto aos seus parentes e amigos.»

Coimbra 10 de outubro de 1851.

Trovoada no Algarve. — O nosso correspondente de Loulé, o Sr. J. J. Jara nos informa de que no dia 25 do mez passado estourou sobre aquella villa e seus contornos uma tempestade horrorosa, que poz nos habitantes grandissimo susto. Das duas horas da tarde por diante começaram a condensar-se nuvens carregadas, vindo do norte, e embatendo n'outras não menos caliginosas que corriam do sul e de leste; encontraram-se com temeroso estrondo as trovoadas, e eram tantas as cordas d'agua, tão rija a chuva de pedra que as ruas e estradas alagaram-se, as vidraças faziam-se em muitas casas em estilhaços: o maior impeto da tormenta durou um quarto d'hora; em todo o resto do dia não se derreteu a pedra que cahira. Nos campos, sobretudo nas vinhas, olivaes e mais arvoredo fez estragos avultados, além disso matou muitas cabeças de gado lanigero e suino.

A quadra naquelle concelho tem ido pessima para a saude dos povos; n'outros annos grassavam alli durante o estio as febres intermittentes, mais ou menos pertinazes e fataes; porém no actual os catharros tem sido tão agudos que dos atacados escapam poucos, á excepção (caso raro!) das pessoas idosas.

ANNUNCIO.

Real Theatro de S. Carlos.

A empreza do real theatro de S. Carlos tem a honra de participar ao respeitavel publico que as representações da segunda epocha terão principio no domingo 19 do corrente.

As primeiras partes de canto e baile escripturadas para esta epocha são as seguintes:

Primeiras damas absolutas sopranos, Marietta Arrigotti, Carolina Sanazzaro — primeiros tenores absolutos os srs. Eugenio Musich, Luiz Guglielmini — primeiro baritono absoluto sr. Mancusi — primeiro baixo absoluto Fortunato Goré — baixo comico Horacio Bonafós — baixo *in genere* sr. José Maria Celestino — primeiros bailarinos sérios do genero francez Genovefa Monticelli, e Valentino Cappon — primeira bailarina séria sr.ª Gonzaga Cappon — primeiras bailarinas para passos sr.as Sophia Constanzo, Michellna Devecchi, Erminia Cagnoli, Romilda Pizzala — mestre compositor sr. Valentino Cappon.

Partes secundarias, coristas e corpo de baile do costume, e na conformidade do contracto da empreza.

A presente epocha theatral será de sete mezes, a principiar do dia da primeira representação. A assignatura será de noventa recitas, com quatro operas novas além de outras escolhidas de entre as mais applaudidas. Haverá tambem *divertissements*, *pas de deux*, tercettos, quartettos, bailados etc. etc.

A primeira opera será *Lucia de Lammermoor*, musica do mestre Donizetti, e será executada pela sr.ª Marietta Arrigotti e pelos srs. Musich, Mancusi, Celestino, e Bruni.

Haverá um intermedio de dança composta pelo sr. Valentino Cappon. Em breves dias irá tambem á scena a opera *Nina*, musica do mestre Coppola para debute da sr.ª Sanazzaro e dos srs. Guglielmini, Goré e Bonafós. Vae-se tambem ensaiar uma linda dança em tres actos intitulada — *Rainha das Flores*.

Preço das assignaturas.

Frizas	216$000
1.ª ordem	283$000
2.ª ordem de 55 a 62 inclusive	216$000
» de 50 a 54 e 63 a 67 inclusive	189$000
» de 47 a 57 e 68 a 70 inclusive	171$000
3.ª ordem	144$000
Cadeiras de platéa superior por cada serie de 15 recitas	7$200

Os pagamentos d'assignaturas serão feitos adiantadamente. Os dos camarotes em tres prestações, a primeira no acto da assignatura, a segunda no dia da vigessima oitava recita, a terceira no dia da quinquagessima oitava recita.

As assignaturas da platea superior serão pagas adiantadas no principio de cada serie.

Para as representações a beneficio ou extraordinarias serão preferidos os srs. assignantes com tanto que declarem em tempo competente que querem ficar com o seu camarote, ou logar da platea.

Os srs. assignantes da ultima epocha serão preferidos na presente, uma vez que até ao dia de quinta feira 16 do corrente declarem que querem continuar. Esta preferencia não dá aos srs. assignantes antigos o direito de ceder a outros o uso do camarote, e constando á empreza que quem usa habitualmente do camarote não é o proprio assignante ou sua familia, ou seus socios na assignatura, os quaes deverão ser notificados á empreza no acto de se fazer a mesma assignatura poderá dispor á sua vontade do camarote, restituindo a importancia das recitas que faltassem para completar a serie paga adiantadamente.

A empreza declara por fim que no caso de effectuar a escriptura de mad. Stoltz reserva a si o direito de augmentar os preços nos dias em que representar esta insigne artista, ficando ao arbitrio dos srs. assignantes de renunciar o seu camarote nestes mesmos dias.

Lisboa, Theatro de S. Carlos em 12 de outubro de 1851.

O emprezario — *O. Cambiagio & Comp.ª*